

Brasília: a repercussão da construção do século na imprensa brasileira

Brasília: the repercussion of the construction of the century in the Brazilian press

Henrique Knebel Visnievski,¹ ULBRA

Rafaela Silveira,² IFSUL

Resumo

A ambiciosa construção de Brasília marcou a década de 1950. Este artigo resalta a importância da imprensa na década de 1950 e tem como objetivo analisar a repercussão da mudança de capital nos periódicos *Diário de Notícias* e *Jornal do Brasil*. Para esta pesquisa, foram utilizadas questões que nortearam o artigo: como a construção de Brasília foi noticiada na imprensa brasileira? Como a população brasileira reagiu com uma obra de grande porte? Qual o perfil editorial dos jornais utilizados? Para responder essas perguntas, foram utilizados métodos de pesquisa bibliográfica e a análise de conteúdo. A análise e a discussão desses materiais ajudam a compreender como os jornais abordaram o anúncio, a construção e a inauguração de Brasília, bem como suas influências e suas particularidades como atores políticos.

Palavras-chave: Brasília; imprensa; Juscelino Kubitscheck.

Abstract:

The ambitious construction of Brasília marked the 1950s. This article highlights the importance of the press in the 1950s and aims to analyze the reverberation of the change of capital in *Diário de Notícias* and *Jornal do Brasil*. For this research, questions were used that guided the article: How was the construction of Brasília reported in the Brazilian press? How did the Brazilian population react to a large-scale project? What is the editorial profile of the newspapers used? To answer these questions, basic research methods were used: bibliographic research and content analysis. The analysis and discussion of these materials help to understand how the newspapers approached the advertisement, the construction and inauguration of Brasília, as well as their influences and their particularities as political actors.

Key words: Brasília; press; Juscelino Kubitscheck.

Introdução

Juscelino Kubitscheck (1902 – 1976) era um líder ambicioso. De acordo com Thomas Skidmore, na obra *Brasil: de Getúlio à Castelo*, Kubitscheck tentava “assegurar o seu lugar na história, tomando a liderança do caminho para a industrialização do Brasil” (SKIDMORE, 1982, p. 208).

A construção de Brasília, símbolo escolhido por Kubitscheck para eternizá-lo, respirava ares do século XXI e trazia consigo a esperança de um lugar que tomaria grandes

¹ Graduando em jornalismo pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Canoas, RS, Brasil. E-mail: Henriqueknebel@gmail.com.

² Graduanda em Engenharia de controle e automação – IFSUL. Charqueadas, RS, Brasil. E-mail: rafa.araujo2310@gmail.com.

decisões por nosso país (SKIDMORE, 1982). O projeto ousado simbolizou a irreversível modernização do Brasil e colocou Kubitschek como ícone de um governo desenvolvimentista, cujo objetivo era o fomento do desenvolvimento econômico, estrutural e industrial do país. Na imprensa, as críticas visavam principalmente pela decisão de mudar a capital do Rio de Janeiro, para o Centro Oeste, em um lugar inóspito. Começar uma capital do zero, em um lugar desconhecido, gerou debates e culminou na dúvida de se a nova capital sairia do papel.

Nem só da construção de Brasília viveu a mídia. Aliás, a década de 1950 foi marcada por grandes transformações. Para Dines (2009), a nova capital representou os “anos dourados” da imprensa brasileira e que colidiram com uma nova forma de fazer jornalismo. As reformas redacionais, gráficas e editoriais do *Jornal do Brasil* (1891 -), em 1956, por exemplo, são consideradas “os marcos inaugurais de uma nova fase da imprensa brasileira” (RIBEIRO, 2000, p. 12).

A profissionalização dos jornalistas acarretou não só na forma de arrecadação, mas também em todo ideário do que é e de como fazer jornalismo. As reformas substituíram o jornalismo político-literário para o empresarial. Para Ribeiro (2000, p. 12),

A imprensa abandonou definitivamente a tradição de polêmica, de crítica e de doutrina e a substituiu por um jornalismo que privilegiava a informação (transmitida "objetiva" e "imparcialmente" na forma de notícia) e que a separava (editorial e graficamente) do comentário pessoal e da opinião.

O *Jornal do Brasil* foi a peça-chave do desenvolvimento desta pesquisa pela sua importância na imprensa brasileira e pela sua representatividade nos meios de comunicação. Além disso, o periódico aproveitava a liberdade de imprensa para questionar o governo JK.

Diário de Notícias (1925 – 1979) foi um dos principais veículos que mediaram os gaúchos com o resto do Brasil. Aliás, essa proximidade do jornal com o governo de Kubitschek, se dá, entre outros motivos, pelo seu vice, o gaúcho João Goulart (1919 – 1976)³, de São Borja. Em geral, a nova capital foi bastante citada no jornal, mas nem sempre com destaque. As reportagens, em muitas ocasiões descritivas, continham opiniões de pessoas influentes, sejam elas a favor, contra ou preocupadas com o desenrolar das obras.

A partir deste contexto, a pesquisa segue um movimento ordenado de estudos histográficos, aplicando o jornal como fonte e o seu conteúdo como objeto de pesquisa. Segundo Tânia Regina de Luca, esse tipo de estudo não era usual até a década de 1960, já que

³ João Goulart foi o 24º presidente da República, de 1961 a 1964. Antes de ser o 14º vice-presidente do Brasil no governo de JK, Jango foi Ministro do Trabalho, em 1953. Durante o comando do Ministério, Jango enfrentou fortes crises e movimentos de oposição.

se acreditava que os periódicos não eram fidedignos no registro de acontecimentos pois misturavam seus sentimentos e interesses (LUCA, 2005).

Para outros autores que se dedicam ao estudo dos periódicos, como Capelato e Prado (1980, s/p), a imprensa é “um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social”, embora a imagem construída seja de imparcialidade e dever cívica com a realidade.

Para tanto, o estudo foi realizado por meio de uma análise das edições dos dois jornais, começando por edições de 1954, dois anos antes do início das obras de Brasília, até 1960, sua inauguração. As informações coletadas e analisadas foram escolhidas por critério de relevância e seguiram uma ordem cronológica dos acontecimentos que marcaram a obra.

Por fim, o artigo está organizado em três seções, além desta introdução. Na primeira seção, apresenta-se um panorama do governo de Kubitschek. A seguir, na segunda e terceira seção, analisa-se a repercussão da construção de Brasília nos periódicos. Ao final, tecem-se as considerações finais.

O Brasil de JK

Em 31 de janeiro de 1956, Juscelino Kubitschek, junto com seu vice, João Goulart (1919 – 1976), assumiu a presidência do Brasil e deu início a uma nova era no país, onde diversos setores avançam significativamente, principalmente a infraestrutura e a indústria (SKIDMORE, 1982).

Kubitschek, mineiro de Diamantina, formado em medicina, exerceu por pouco tempo sua profissão, descobrindo que sua habilidade estava, na verdade, na política. Foi prefeito e, logo após, governador de Minas Gerais, na mesma eleição que levou Getúlio Vargas (1882 – 1954)⁴ à presidência do Brasil. Como governador, teve grande importância e um grande aprendizado graças aos problemas do Estado que, em suas proporções, o prepararam para enfrentar os problemas do Brasil (SKIDMORE, 1982).

Em sua campanha, Kubitschek já falava sobre seu plano de desenvolvimento do país e apostava principalmente na industrialização acelerada. Ao tomar posse, seu plano de desenvolvimento, chamado de Plano de Metas, foi oficializado e seguido durante o mandato. O Plano tinha 30 objetivos em diferentes setores da economia, que deveriam ser entregues entre cinco e dez anos. De acordo com o Plano de Metas (1958, p. 09),

⁴ Foi presidente do Brasil por quase 19 anos, sendo 15 anos de forma ininterrupta. Embora tenha colaborado para modernização no país, Vargas tomou posse após um golpe militar e, logo depois, instaurado uma ditadura militar.

os recursos nacionais previstos, embora vultosos, representam, em média, em seis anos, apenas 4,3% do produto nacional bruto, a preços correntes projetado até 1961, segundo a tendência observada a partir do ano de 1953.

Para Fausto (2011), na memória coletiva de todo brasileiro, os cinco anos do governo de Kubitscheck são lembrados como exemplo de otimismo e grandes realizações.

O presidente seguia uma linha do governo de Vargas, mas sem se utilizar do autoritarismo e do populismo, como seu antecessor. Kubitscheck tentava agradar todas as classes, mostrando que haveria vantagens para todos em seu governo. Concedeu aumentos salariais aos militares, investiu em armamentos e maquinários mais modernos, tanto para o exército e quanto para a aeronáutica, e investiu em um navio novo para a marinha (SKIDMORE, 1982).

A essência do estilo de Kubitschek era a improvisação. O entusiasmo, a sua principal arma, refletia uma confiança contagiante no futuro do Brasil como grande potência. Sua estratégia básica era pressionar pela rápida industrialização, tentando convencer a cada grupo do poder que teriam alguma coisa a ganhar ou, então, nada a perder. Isso requeria um delicado equilíbrio político (SKIDMORE, 1982, p. 208).

A estratégia de jogar com entusiasmo e nacionalismo para obter confiança da população foi usada como gatilho para as facilitações na legislação e da reativação do Plano Cambial para atrair empresas do exterior e trazer investimentos de fora para o mercado interno do país. A insatisfação de alguns empresários brasileiros com as regalias concedidas aos estrangeiros, que não poderiam ser aproveitadas pelos nativos, foi rapidamente sanada, considerando que todos os investidores estrangeiros que quisessem trazer seu negócio para o país deveriam ter um sócio brasileiro (SKIDMORE, 1982).

Os índices de crescimento de produção, economia e autossuficiência do Brasil aumentaram consideravelmente, após as medidas do governo para trazer empresas de fora do país, principalmente nos setores mais importantes, tanto para produção de bens de consumo quanto para produção de bens materiais. Os maiores crescimentos foram na indústria automobilística – que virou autossuficiente em apenas cinco anos; na indústria de aço e ferro; indústria mecânica; indústrias elétricas; e indústrias de transporte (SKIDMORE, 1982).

Entre 1955 e 1961, a produção industrial cresceu 80% (em preços constantes), com as porcentagens mais altas registradas pelas indústrias de aço (100%), indústrias mecânicas (125%), indústrias elétricas e de comunicações (380%) e indústrias de equipamentos e transporte (600%) (SKIDMORE, 1982, p. 204).

Apesar de todos os avanços, o governo não foi perfeito, longe disso. A reforma agrária e a reforma das universidades, assim como a agricultura e a educação em geral, foram deixadas de lado e ficaram apenas no papel do Plano de Metas. Essa situação não se modificou durante o mandato nem por pressão popular, pois todos, inclusive os sindicatos, estavam calmos, diante de toda a evolução acontecendo em tão pouco tempo (FAUSTO, 2011).

Kubitschek queria deixar um legado e seu nome registrado na história do país e conseguiu, por meio, não só da rápida industrialização, mas principalmente pelo seu maior feito: a construção e a mudança da capital do país, que já vinha sendo discutida há cerca de meio século e não tinha saído do papel. O arquiteto Oscar Niemeyer (1907 – 2012)⁵ e o urbanista Lucio Costa (1902 – 1998)⁶ elaboraram um grandioso projeto, que tornava Brasília o “sinal de novos tempos para o Brasil” (SKIDMORE, 1982, p. 208).

Segundo Fausto (2011), o Plano de Metas deu um salto no desenvolvimento do país, embora as medidas tomadas por JK para conter o aumento da inflação e do déficit, sem frear o progresso, não foram bem-sucedidas, aumentando a pressão de todos os lados. Para Fausto (2011), muitos eram os problemas enfrentados.

Nem tudo eram flores no período de Juscelino. Os problemas maiores se concentraram nas áreas interligadas do comércio exterior e das finanças do governo. Os gastos governamentais para sustentar o programa de industrialização e a construção de Brasília e um sério declínio dos termos de intercâmbio com o exterior resultaram em crescentes déficits do orçamento federal. [...] Esse quadro veio acompanhado de um avanço da inflação (FAUSTO, 2011, p. 238).

No fim das contas, segundo Skidmore (1982) a estabilidade, o malabarismo⁷ político e o crescimento econômico foram o sucesso do governo de Kubitschek e garantiram o apoio político e uma rara articulação entre os setores da sociedade.

Inauguração de Brasília no *Jornal do Brasil*

O *Jornal do Brasil*, ou simplesmente *JB*, foi um jornal diário e matutino do Rio de Janeiro, fundado em 9 de abril de 1891, por Rodolfo de Sousa Dantas e Joaquim Nabuco

⁵ Oscar Niemeyer foi um arquiteto brasileiro responsável pelo projeto da cidade de Brasília. As principais obras da capital brasileira projetadas por Niemeyer são o Palácio do Planalto, a Catedral de Brasília, o Congresso Nacional, o Palácio da Alvorada e o Palácio do Itamaraty.

⁶ Lúcio Costa foi um arquiteto, urbanista e professor brasileiro que, junto com Niemeyer, projetou a cidade de Brasília. Seu pioneirismo na arquitetura moderna no Brasil permitiu reconhecimento mundial com o projeto piloto da nova capital.

⁷ Segundo Skidmore (1982), JK era bem-sucedido com os acordos políticos com os vereadores. Embora menos fortes no período que tange a República Velha, eram grandes manipuladores de opinião pública.

(BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL, 2015). O Jornal centenário noticiou grandes momentos do país e teve grande participação na construção de uma nova imprensa. Aliás, a inauguração de Brasília colide em uma grande fase do *JB*, marcada por uma transformação editorial e reforma gráfica, em 1959 (BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL, 2015). Entre 1956 e 1966, *JB* adquiriu uma nova sede e modernizou todo o aparelhamento técnico-industrial. O jornal ampliou o número das páginas e implementou novas técnicas norte-americanas, como *lead* e pirâmide invertida. O texto do jornal deveria seguir a mesma linha objetiva e reduzida de seus concorrentes (BAHIA, 1990).

No dia 21 de setembro de 1956, foi publicada no *Jornal do Brasil* uma notícia sobre a lei sancionada por Kubitschek para a mudança de capital. O texto curto abordava a lei que garantia a deliberação da companhia urbanizadora⁸, os acordos e convênios e a data da mudança (JORNAL DO BRASIL, 1956). Nesse período, as reportagens eram praticamente isentas de checagem ou apuração, se dedicando a uma produção feita dentro da redação. Aliás, antes da mudança estrutural do jornal, *JB* era conhecido pelos inúmeros classificadores, colocando em segundo plano a matéria redacional (BAHIA, 1990).

A primeira grande reportagem sobre a construção de Brasília no *JB* só aconteceu em 3 de outubro de 1956, 4 anos antes de sua inauguração oficial, em 1960. A reportagem relata o primeiro ato na futura capital, com a nomeação do novo ministro da agricultura, o gaúcho Mário Meneghetti (1905 – 1969)⁹. Embora muito criticada, a construção de Brasília foi acompanhada de perto até sua inauguração. Por longos anos, inúmeras outras construções não foram concluídas, levando a crer que a mudança de capital não sairia do papel.

Persiste a crença de que, mais uma vez, a reforma ora em projeto não escapará à tradição que se está formando neste período governamental. Concordam alguns observadores com a ideia da substituição do ministério por outro mais atuante; que possa imprimir mais dinamismo da administração; mas reconhecem, ao mesmo tempo, que as injunções partidárias são de tal ordem, que o presidente da república dificilmente delas se poderá libertar (JORNAL DO BRASIL, 1956, p. 6).

A tradição, citada pelo jornalista Prado Kelly (1904 – 1986)¹⁰, respondia à forma como JK respondia aos seus desafios e conflitos. Estadista hábil, Kubitschek cooptou uniões muito mais vantajosas do que ao seu partido político, diminuindo o controle sobre suas

⁸ A Novacap, Companhia Urbanizadora da Nova Capital do País, era uma empresa pública vinculada à Secretaria de Viação e Obras do Distrito Federal. Foi fundada em 19 de setembro de 1956, por meio da lei nº 2.874 (FGV/CPDOC, 2009, s/p).

⁹ Meneghetti foi ministro da agricultura de JK entre 1956 e 1960.

¹⁰ Prado Kelly foi advogado, escritor, jornalista e servidor público. Entre 1955 e 1959, Prado foi deputado federal pelo partido UDN.

próprias decisões. De acordo com Skidmore (1982, p. 204) “o segredo residia em encontrar alguma coisa para cada um, enquanto evitava qualquer conflito direto com seus inimigos”.

A construção de Brasília foi um prato cheio para a oposição do Governo. Outros jornais do Rio de Janeiro, como o *Tribuna da Imprensa* (1949 – 2008)¹¹, que ordenou ataques sistemáticos ainda nas campanhas políticas, chamando a candidatura de Kubitschek como o retorno do getulismo, se opôs a mudança de capital e via a transferência como uma forma de esvaziar a cidade do Rio de Janeiro. Por mais que houvesse críticas à política econômica do governo e a forma de conduzir o plano de industrialização, *JB* não fez oposição ordenada. Entretanto, o jornal se demonstrou adverso; se declarou contrário e acusou JK pela corrupção que acontecia nas obras (DINES, 2009).

Quanto mais se aproximava da inauguração da nova capital, maior era a tensão entre o presidente e a imprensa. Odylo Costa Filho (1914 – 1979)¹², militante da União Democrática Nacional (UDN) (1945 – 1965)¹³, foi afastado do jornal em dezembro de 1958, por pressões do presidente Kubitschek. Odylo havia sido convidado, em 1956, para assumir a chefia de redação do jornal e coordenar as reformas estruturais que o periódico estava passando. Uma fotografia do presidente com Foster Dulles (1888 – 1959)¹⁴, secretário de Estado norte-americano, foi o motivo do afastamento. Nela, Kubitschek aparece de mãos estendidas, dando a entender que estava implorando por algo. Na legenda do *JB*, “tenha paciência mister”, que foi interpretada por outra versão, “me dá um dinheiro aí”, verso de uma marchinha de carnaval cantada por Moacyr Franco (RIBEIRO, 2000).

Embora tivesse tido grande repercussão, essa não tinha sido a primeira vez que o presidente enfrentava a mobilização da mídia. Em 17 de setembro de 1955, a *Tribuna da Imprensa* publicou uma carta que arrazoava uma relação secreta entre Goulart e Perón¹⁵ (1895 – 1974), militar e presidente da Argentina no mesmo período. Mais tarde ficou comprovado que o documento era falso (SANTOS, 2017).

¹¹ A *Tribuna da Imprensa*, criada por Carlos Lacerda, foi forte opositor à volta de Getúlio. Aliás, os movimentos contrários liderados pelo Jornal custaram caro. Com o suicídio de Getúlio, a tensão fez com que simpatizantes do ex-presidente tentassem destruir a redação da *Tribuna* (LACERDA, 1987).

¹² Foi o quarto ocupante da cadeira 15 da Academia Brasileira de Letras. Na vida pública, Odylo Costa filho foi Secretário de Imprensa do Presidente Café Filho, diretor da Rádio Nacional e Superintendente das Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2016).

¹³ O partido é lembrado por forte oposição à Getúlio Vargas e o getulismo. No período de existência, apoiou diferentes ideias, de liberais e autoritárias até conservadoras e progressistas. Por fim, o partido também apoiou o movimento militar em 1964.

¹⁴ Dulles foi secretário de estado no governo de Dwight D. Eisenhower entre 1953 e 1959.

¹⁵ A carreira política de Perón foi marcada pelas três bandeiras do peronismo – Justiça social, soberania política e independência política. No entanto, também havia o seu lado autoritário, marcado pela perseguição de opositores.

No dia 25 de março de 1960, mesmo ano da inauguração de Brasília, o *Jornal do Brasil* fez uma reportagem polêmica acerca da não aprovação do senado em fazer a mudança para Brasília imediatamente. *JB* cita os senadores de oposição, os quais se mostraram contra a transferência do congresso para Brasília por apresentar problemas estruturais.

Senadores da oposição e da maioria levantaram-se ontem, no Monroe¹⁶, contra a transferência do congresso para Brasília, concordando em que a mudança é “uma loucura” (expressão do senador Lourival Fontes) enquanto o governo não oferecer um mínimo de garantia para as comunicações entre as duas casas e o resto do país (JORNAL DO BRASIL, 25/03/1960, p. 1).

A expressão de Lourival Fontes (1899 – 1967)¹⁷ não foi em vão. Faltando apenas 72 horas para a inauguração, fora publicado um artigo de Mário Pedrosa (1900 – 1981)¹⁸, militante político e jornalista, que relatava as obras não concluídas de Brasília. Para cobrir os acontecimentos da inauguração, *JB* enviou para Brasília os jornalistas Nonnato Masson (1924-1998)¹⁹ e José Gonçalves Fontes (1934 – 2000)²⁰. Na enorme publicação, os enviados especiais dão detalhes do atraso das obras e a confusão com os deputados e visitantes que chegavam na cidade e encontravam obras inconclusas, sem o mínimo necessário para se habitar. “A grande maioria dos apartamentos residenciais construídos pelo instituto de previdência ainda estão sendo preparados para oferecer condições de habitualidade” (JORNAL DO BRASIL, 1960, p. 5).

Segundo o *Jornal do Brasil* (1960), operários chegavam a trabalhar 20 horas por dia, em condições, na sua grande maioria, insalubres. Para acelerar a obra e entregar o básico dentro do prazo, muitos operários chegavam a dormir no local, principalmente pelo excesso de cansaço. Outra repreensão feita pelo jornal foi em relação à eletricidade oferecida, onde trabalhadores também passavam dia e noite estendendo fios para o espetáculo prometido na noite do dia 21 de abril. “Os chefes de obras estão exigindo o máximo de esforço de todos, mesmo assim muita coisa não poderá ser feita dentro do prazo previsto (JORNAL DO BRASIL, 1960 p. 5)”.

As notícias sobre a inauguração de Brasília já acompanhavam a nova estrutura do jornal, com o uso de fotos grandes na primeira página e a extinção dos “fios” que separavam

¹⁶ Entre 1925 e 1960, o palácio Monroe abrigou o senado brasileiro. Com a transferência para Brasília, o imponente prédio entrou em degradação, sendo demolido em 1976 (SENADO, 2015).

¹⁷ Lourival Fontes foi jornalista e político brasileiro. No governo Vargas, foi ministro de propaganda do presidente entre 1934 e 1942.

¹⁸ Além de advogado, escritor e jornalista, Pedrosa teve forte influência na consolidação da esquerda no país por meio da Organização de Esquerda Internacional, organização liderada pelo intelectual Marxista Leon Trotsky.

¹⁹ Atuou no *JB* como repórter, pauteiro, editor de caderno e correspondente em Brasília.

²⁰ Foi um dos principais nomes do jornalismo no *JB*, ao lado de Alberto Dines e Odylo Costa.

as reportagens. Os assuntos passaram a seguir técnicas jornalísticas pré-estabelecidas, ordenados hierarquicamente conforme sua relevância jornalística (RIBEIRO, 2000).

Prestes a iniciar as festividades, o *Jornal do Brasil* (1960) publicou, no dia 19 de abril, na capa do seu jornal, a preocupação do exército em vigiar tudo que acontecia em Brasília. A matéria trouxe os boatos que circulavam pelo país sobre possíveis manifestações contra a mudança de capital e a preocupação do exército em controlar a entrada e saída dos visitantes. Além do monitoramento do exército, a edição citou também a insatisfação das esposas dos deputados com o desconforto da nova capital, iniciando pela falta de recursos em seus próprios apartamentos e uma confusão devido as chaves de cada um dos moradores, assim demonstrando a falta de organização que acontecia por lá após a fundação da cidade.

Os funcionários passaram todo o dia e a noite de ontem e também parte da manhã de hoje procurando, entre 30 mil chaves, a que abrisse o apartamento do Sr. Mazzilli (1910 – 1975)²¹. Durante a noite faltou energia duas vezes (JORNAL DO BRASIL, 1960, p. 6).

Se olharmos para frente, a desorganização parece persistir até hoje, principalmente no que diz respeito ao espaço físico de Brasília. A grande massa de trabalhadores oriundos de outras regiões do país firmou suas residências em regiões periféricas da capital, que hoje são conhecidas como “cidades-satélites” (DERNTL, 2020).

O dia 20 de abril foi dedicado para acompanhar a despedida de JK, desde o momento em que saiu do Palácio do Catete até a mensagem que dedicou ao povo carioca, reproduzida por meio do programa de rádio *Voz do Brasil*²². O presidente também fez questão de elogiar o *Jornal do Brasil* em sua partida, esquecendo, pelo menos naquele momento, de suas desavenças políticas com os chefes de redação. “É formidável a cobertura do Jornal do Brasil sobre Brasília: esclarecedora e, sobretudo, correta. Vocês estão de parabéns.” (JORNAL DO BRASIL, 1960, p. 1).

Segundo o *Jornal do Brasil* (1960), a população também enfrentava problemas com o excesso de cloro na água. De acordo com o jornal, até mesmo os ministros que acabavam de chegar sofreram problemas gastrointestinais.

²¹ Mazzilli foi um jornalista, advogado e político brasileiro. Iniciou sua carreira como deputado federal em 1951, pelo PSD.

²² Voz do Brasil é um noticiário radiofônico transmitido pela emissora estatal Empresa Brasil de Comunicação, a EBC. O programa é uma difusão obrigatória, ocorrendo de segunda a sexta-feira em todas as emissoras do país.

Na edição 92, do dia 22 de abril de 1960, em sua coluna no jornal, Carlos Lemos (1929 – 2015)²³ fala sobre uma Brasília desorganizada e a incerteza dos que saem do Rio para tal cidade sem condições de ser uma capital. Ele ainda cita o clima ameno, a falta de água tratada e condução, além dos problemas das avenidas não pavimentadas. No dia 24 de abril de 1960, o *Jornal do Brasil* publica em sua capa uma pequena nota em que destaca a ausência do arquiteto Oscar Niemeyer e do urbanista Lúcio Costa. Com o título “Construtores de Brasília se aborrecem”, o jornal expõe o desapontamento com o descompromisso dos projetistas.

A ausência do arquiteto Oscar Niemeyer e do urbanista Lúcio Costa às festas de inauguração de Brasília, por cuja construção são responsáveis, está sendo interpretada como um protesto diante da mutilação que a obra, em seu conjunto, vem sofrendo, face às alterações introduzidas por dirigentes da NOVACAP nos planos originais (JORNAL DO BRASIL, 1960, p. 1)

Com o aumento do interesse da população para assuntos políticos, a linha editorial do *JB* se encaminhava para uma oposição mais definida à JK, embora isso não significasse uma posição política explícita. Desta forma, *JB* se assumiu crítico à condução do governo, acusando o presidente de corrupção nas obras da nova capital (FGV/CDOC, 2009).

Brasília no *Diário de Notícias*

O tradicional jornal do Rio Grande do Sul, fundado em 1925, perdurou até 1979, após um impacto irreversível das crises que enfrentou. Após o incêndio na sede, em agosto de 1954, e a proibição de abrir as portas por pressões políticas, o jornal *Diário de Notícias* voltou a circular apenas em março de 1955 (DE GRANDI, 2005).

Antes de abordarmos a relação do *Diário de Notícias* com Brasília, faz-se necessário discorrer sobre as motivações e consequências do atentado para a vida do jornal. O jornalismo e a imprensa sempre foram atores políticos com fortes influências e potencialidades. Diferente da “teoria do espelho”, que defende o jornalismo como espelho da realidade, o jornalismo por trás dos mitos sempre modelou e direcionou a consciência de seus leitores conforme seus interesses e suas ideologias (PENA, 2010).

Agora, para compreendermos o que toda essa odisséia quer dizer, devemos voltar para 1930, quando Assis Chateaubriand (1892 – 1968)²⁴ comprou com o dinheiro do partido Liberal, o jornal *Diário de Notícias* (LUFT, 2011). Nesse período, Chatô, como também era

²³ Carlos Lemos, ao lado dos jornalistas Odylo Costa e Alberto Dines, foi um dos principais precursores da reforma gráfica do JB.

²⁴ Chateaubriand foi um dos homens mais influentes entre a década de 1940 e 1960. Além de advogado e jornalista, ele foi dono dos “Diários associados”, a maior rede de comunicação do país no período.

conhecido, estava começando a construir o seu conglomerado de mídia²⁵. Em 1954, o empresário perdeu as eleições para o Senado na Paraíba e, para voltar ao parlamento, chantagiou Tancredo Neves (1910 – 1985)²⁶, chefe de campanha de Kubitscheck. Após se eleger como senador pelo Maranhão, nas eleições de 1954, Chatô se vê na obrigação de apoiar JK nas eleições presidenciais do ano seguinte (LUFT, 2011).

As articulações políticas e a tumultuosa relação com Getúlio foram o estopim para que apoiadores colocassem fogo na sede do jornal, na Rua da Praia, no centro de Porto Alegre, após o suicídio de Vargas, em agosto de 1954. O retorno do jornal, em março de 1955, só foi possível com a ajuda do seu concorrente Breno Caldas (1910 – 1989)²⁷, que emprestou uma impressora. No entanto, o declínio já havia se iniciado e o jornal nunca mais pôde ser o mesmo.

O início da cobertura jornalística sobre Brasília foi no dia 18 de março de 1954, dois anos antes do início das obras. A pequena nota traz uma declaração de Caiado de Castro (1899 – 1963), chefe da Casa Militar do presidente da República, que dizia, entre outras coisas, que “se Deus quiser, a próxima mensagem presidencial já indicará o local exato da nova capital da república” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1954, p. 13). No mesmo fragmento, Caiado também diz que “dentro de dez meses estarão concluídos os estudos sobre o solo, subsolo e regime d’água em extensa área do território goiano, escolhida para servir de sede da futura capital brasileira” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1954, p. 13). É interessante o fato de a capital ainda não ter um nome e o jornal, em muitas reportagens, se referi-la como “nova capital” ou “futura capital” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1954, p. 13).

Diante de uma conturbada relação política com o governo, o jornal se articulava com esperteza. Para isso, notícias internacionais tomavam a primeira capa do periódico. Na segunda página em diante, notícias sobre economia e política nacional.

Ao compararmos com o *JB*, do Rio de Janeiro, é possível perceber uma estrutura muito mais profissional por parte dos gaúchos. O uso de recursos gráficos na capa já era utilizado em 1954, enquanto o periódico carioca só implementou de vez em 1960. Além disso, os classificados ficavam nas últimas páginas, apenas atrás do caderno de esportes.

²⁵ Fundado em 1924, o “Diários associados” atuava no impresso, na rádio e na televisão. Com um aglomerado de emissoras espalhadas pelo país, se tornou um dos grupos mais importantes do Brasil.

²⁶ Com o suicídio de Vargas, Tancredo e outros membros do PSD deram continuidade aos planos de Getúlio. Com envolvimento participativo para eleger JK, Tancredo foi indicado pelo presidente para assumir cargos administrativos no Banco de crédito real de Minas Gerais (RIBEIRO, 2015).

²⁷ Breno Caldas foi jornalista Porto-Alegrense e proprietário de um conglomerado de mídia. Em 1955, liderado pelo general Henrique Lott, apoiou o movimento para assegurar a posse de Juscelino Kubitscheck na presidência da república.

Os rumores da construção da capital já circulavam pelas ruas do Brasil, ainda no governo de Café Filho²⁸ (1899 – 1970). O presidente da Comissão de Estudos para instalação da nova capital brasileira, Marechal José Pessoa (1885 – 1959)²⁹, anunciou que antes do fim daquele governo seria lançada a “pedra fundamental” da futura capital. Revelou também que já estavam em entendimentos com o ministro da Aeronáutica para definir o local onde seria construído o primeiro aeródromo (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1954).

Em 24 de julho de 1954, na edição 116 do jornal, Café Filho negou a execução das obras do Ministério da Viação alegando que em breve a capital do país estaria de mudança, junto com seus ministérios. Marechal José Pessoa, na mesma reportagem, também declarou que o possível nome da capital, dentre tantos outros, seria Vera Cruz, e o nome inclusive fora utilizado em outras edições do jornal *Diário de Notícias*, até que fosse divulgado o nome oficial Brasília.

Em 7 abril de 1955, Kubitscheck declara que se for eleito, mudará o local da capital do país do Rio de Janeiro para o planalto central, alegando ser uma “providência indispensável ao desenvolvimento do Brasil”, e assim se sucedeu (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1955, p. 4).

A confiança de que Kubitscheck seria o próximo presidente não era exclusividade apenas da população. De forma sutil, *Diário de Notícias* dava indícios de que estava ao lado de Kubitscheck, embora o intuito da reportagem era apenas defender que a eleição fosse limpa.

O que há a proclamar, entretanto, é que o pronunciamento das urnas, qualquer que seja ele, deverá ser respeitado. Que a maior escolha. O que ela disser representará o pronunciamento soberano da nação. Que se recolham as baionetas e fiquem embainhadas as espadas. As urnas falaram (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1955, p. 1).

De acordo com Luft (2011), a ideia do *Diário de Notícias* não era se posicionar frente aos acontecimentos políticos, mas sim garantir que o próximo presidente estivesse disposto a caminhar ao lado dos interesses do dono do jornal.

No dia 3 de outubro de 1956 – no ano da posse de Juscelino Kubitschek – ocorreu a visita do presidente no território onde fora construída a nova capital, acompanhado dos

²⁸ João Fernandes Campos Café Filho foi um advogado e político brasileiro, sendo o 18.º presidente do Brasil entre 24 de agosto de 1954 e 8 de novembro de 1955.

²⁹ Marechal José Pessoa foi convidado pelo então presidente Café Filho para comandar a Comissão de Localização da Nova Capital Federal, cujo objetivo era analisar o terreno onde Brasília seria construída.

ministros da Guerra e da Marinha, do presidente da Novacap, Israel Pinheiro (1896 – 1973)³⁰ e do arquiteto Oscar Niemeyer.

Em dezembro 1956, a sede da companhia já estava instalada e começaram a ser construídas as primeiras obras, que seriam:

as medidas iniciais para propiciar a instalação dos primeiros habitantes de Brasília, dentre os quais se incluem as autoridades que para lá se transportarão por exigência do cargo que exercem (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1956, p. 5).

Constituíam essas medidas iniciais: um hotel, um aeroporto, composto de um campo de aviação com 2.500 metros de pista asfaltada e uma barragem, responsável por fornecer energia para a futura capital (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1957, p. 5).

Em 19 julho de 1957, na reportagem do *Diário de Notícias*, o presidente da República assinou um decreto autorizando o ministro da Fazenda a dar garantia ao Tesouro Nacional ao empréstimo negociado pela Novacap com o Banco de Exportação e Importação de Washington, no valor de 10 bilhões de dólares, com um prazo de 15 anos e cinco e meio por cento de juros ao ano (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1957, p.1).

É possível perceber que o *Diário de Notícias* sempre foi palco para discussões sobre a relação dos Estados Unidos com os países latino-americanos. Ao longo dos anos 1950, motivados pelas disputas ideológicas da Segunda Guerra Mundial, muitas reportagens de capa ressaltavam a importância dos Estados Unidos no combate ao comunismo, como na edição do dia 26 de março de 1955, que discute a propagação do comunismo no Brasil (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1955). Além da política, aos poucos se consolidou novos consumos e comportamentos implicados pela prosperidade econômica e social dos Estados Unidos pós-guerra.

De acordo com o jornal *Diário de Notícias*, em uma reportagem publicada em 14 de dezembro de 1957, a UDN recebeu denúncias de irregularidades na Novacap, que teriam partido do senador Domingos Velasco (1899-1973)³¹. Logo após, chegam outras denúncias semelhantes, vindas de “motoristas a serviço, que teriam recebido importâncias (sic) em dinheiro e sido obrigado a dar recibos de quantias superiores” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1957, p. 6).

³⁰ foi presidente da Novacap de 1955 a 1960. Mineiro de Caetés, Israel Pinheiro foi o primeiro prefeito do Distrito Federal, em 1960.

³¹ Domingos foi senador e um dos fundadores do Partido Socialista Brasileiro, em 1947.

Na mesma reportagem, o jornalista paulista Elói Dutra (1916 – 1990)³², na sua coluna de opinião, aproveita a deixa do cimento para entrar no mérito dos gastos, dizendo que os alicerces de Brasília estão sendo feitos de ouro, considerando a quantia fabulosa que estava sendo empregada no levantamento dos edifícios da nova capital (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1957, p. 6).

A obra teve muitas críticas relacionadas ao montante de dinheiro utilizado, uma delas, vinda de Elói Dutra, dava a sugestão de entregar a construção de Brasília para o Exército, que estava construindo edificações cerca de três vezes mais baratas do que as obras da Novacap.

Em 18 de setembro de 1958, fora publicada uma reportagem com a seguinte manchete: “Brasília: exemplo de ‘carro adiante dos bois’. Edificada sem ter meios de comunicação” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1958, p. 4). Nesta reportagem, o deputado Paulo Abreu (1912 - 1991)³³ expõe suas impressões no senado sobre sua visita à futura capital. Entre outras coisas, ele diz ter a impressão de que essa monumental obra é um excelente motivo para tentativa de prorrogação de mandato, para o governo não ser removido e por isso, diz ele, o governo tem tanta pressa nas construções e na mudança de capital e está “colocando o carro adiante dos bois” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1958, p. 4).

No final de 1958, a maioria das reportagens e entrevistas do jornal acabavam tomando um único rumo: os prazos. Os senadores, em sua maioria, queriam adiar a mudança da capital e, inclusive, desacelerar ou parar completamente algumas obras. E até quem era favorável à transferência imediata da capital, não acreditava que conseguiriam cumprir os prazos e inaugurar no dia 21 de abril de 1960.

O sr. Adhemar de Barros (1901 – 1969) não nega a necessidade da mudança da capital para Brasília: é até favorável. Entretanto, não acredita que a transferência se dê no prazo marcado, pois grandes dificuldades ainda terão de ser enfrentadas. E finalizou: – Talvez daqui a uns trinta anos se possa concretizar definitivamente a medida (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1959, p. 13).

Em 7 de fevereiro de 1959, é publicada uma reportagem que cala todos os anseios e agouros das edições anteriores: “Brasília é realidade: 21 de abril de 1960, mudança da capital”. Com essa manchete, o jornal *Diário de Notícias* expõe os esclarecimentos do representante da Novacap, prof. Gender Wang:

³² Elói Dutra foi político e jornalista brasileiro. Na carreira política, foi deputado federal e vice-governador do estado de Guanabara, antes de ser exilado durante o período da Ditadura Militar.

³³ Foi empresário e deputado federal pelo PTB, em 1951.

Em 21 de abril de 1960 será mudada a capital federal para Brasília. Já então a futura administração federal estará em perfeitas condições de funcionamento, com a conclusão dos grandes blocos destinados às repartições federais. O Palácio da Alvorada e o Congresso, estão terminados, além de vários outros blocos, inclusive de casas populares (*apud* DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1959, p. 14).

Em janeiro de 1960, a imprensa Nacional começa a noticiar a transferência para Brasília e comunica que em breve os jornais *Diários do Congresso* serão impressos na nova capital. Na matéria publicada no dia 9 de janeiro, o maquinário já se encontrava pronto para embarcar e os apartamentos para os funcionários também já estavam prontos. E, em fevereiro, começava o transporte do material para a mudança da câmara (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1960).

Em 21 de abril de 1960, Brasília ganhou a capa inteira do jornal *Diário de Notícias*. “Uma aspiração de 400 anos de idade que agora se concretiza em meio de excepcionais comemorações” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1960, capa).

Brasília não é uma simples construção de cidade, nem uma simples transferência de capital de um local para outro, Brasília é o marco de uma nova civilização brasileira pelas suas consequências políticas, sociais e econômicas. Políticas pelo afastamento do governo das pressões. Sociais, como um imperativo de justiça. E econômicas, como um melhor nivelamento das regiões (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1960, capa).

O dia 21 de abril foi a maior edição do jornal, totalizando 40 páginas. Na sua grande maioria, publicações empresariais homenageando a inauguração da nova capital. A festividade e euforia eram nítidas e o espaço para críticas reduzidas.

Nessa análise, podemos compreender que a postura de imparcialidade do jornal nunca foi, de fato, uma posição explícita e neutra. O *Diário de Notícias*, enquanto ferramenta de mobilização de massas e interventor social, sempre defendeu, em tom de legalidade e normalidade, seus interesses políticos. Para Tânia de Luca (2005, p. 140),

o pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que a figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas.

Desta forma, como apontado por Tania Regina de Luca, é possível identificar, em uma leva de informações coletadas e analisadas, o posicionamento político do periódico e suas estratégias.

Considerações finais

A década de 1950 foi o marco zero para uma nova política brasileira e simbolizou uma modernização, tanto política quanto midiática. O engajamento dos jornais *Diário de Notícias* e *Jornal do Brasil* contribuíram para o projeto político de JK: um quimérico social e poderoso, pautado por uma ideologia nacional-desenvolvimentista³⁴. O posicionamento político do *Jornal do Brasil* e do *Diário de Notícias* sempre esteve nas entrelinhas do jornal. Presente, mas não explícito. No entanto, é possível identificar diferentes formas de apresentar Brasília à população. Oposto ao *Tribuna da Imprensa*, que via a transferência de capital como forma de esvaziar a cidade, *JB* se dedicou em criticar as políticas econômicas e o plano de industrialização do país. Inclusive, muitas críticas do jornal direcionadas para o presidente eram feitas por militantes políticos do partido UDN, oposição de JK.

Já a relação do *Diário de Notícias* com Kubitscheck era peculiar. Os interesses políticos de Assis Chateaubriand, proprietário do *Diários Associados*, foram os gatilhos para proteger o presidente de qualquer ataque que enfraquecesse a sua base. Para Kubitscheck, o *Diário de Notícias* teve um papel preponderante em divulgar e convencer a população gaúcha para o seu plano nacional-desenvolvimentista. Já para Chatô, dono de um império jornalístico, deixar nas entrelinhas o seu posicionamento político custou caro no período Vargas.

O objetivo final desta pesquisa não é fazer uma comparação sistemática dos jornais, embora, em alguns momentos, se faça necessário para evidenciar suas diferenças e suas particulares. Ao longo da análise, é possível identificar que os posicionamentos político-ideológicos sempre prevaleceram, tanto *Jornal do Brasil* quanto *Diário de Notícias*. Embora houvesse o interesse em seduzir e direcionar o olhar do leitor conforme a sua linha editorial, sempre houve o cuidado para não tomar posições que o colocassem em conflito. Como Fraga destaca,

[...] os grandes jornais têm na conservação das estruturas nas quais se inserem, um limite bem demarcado, o qual não ultrapassam sob pena de

³⁴ Extensão dos benefícios para toda a sociedade brasileira por meio aceleração industrial. O processo, com o auxílio do estado, alavancaria a qualidade de vida da população e impulsionaria para o modernismo brasileiro durante o governo de JK.

entrar em contradição com sua condição de agentes de representação de interesses e intervenção na vida social. Assim, eventuais demandas populares encontrarão espaço em tal meio desde que não representem ameaça para a ordem social instituída (FRAGA, 2004, p. 25).

No entanto, neste estudo, foi possível perceber que a imprensa demonstra, de forma minuciosa, um posicionamento decorrente aos seus compromissos assumidos e a sua ideologia.

Acredita-se que essa pesquisa contribui para evidenciar o papel da mídia como mobilizador de massa e nos ajuda a compreender como Brasília foi apresentada nos periódicos brasileiros. Por fim, ressaltamos por meio das análises, que ambos os jornais estudados contribuíram para a expansão do plano ideológico implementado por JK.

Referências bibliográficas

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Odylo Costa Filho, obra. Disponível em: www.academia.org.br/academicos/odylo-costa-filho/biografia. Acessado em: 17/05/2022

AGÊNCIA SENADO. Que fim levou o Palácio Monroe?. Brasília, 2015. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/que-fim-levou-o-palacio-monroe>. Acessado em: 15/05/2022.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica:** história da imprensa brasileira. 4ª edição. São Paulo: Ática, 1990.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Hemeroteca digital.** Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-brasil/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino:** imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

DE GRANDI, Celito. **Diário de notícias:** o romance de um jornal. Porto Alegre: L&PM, 2005.

DERNTL, Maria Fernanda. **Brasília e seu território:** a assimilação de princípios do planejamento inglês aos planos iniciais de cidades-satélites. Caderno Metrôpoles, São Paulo, v. 22, n. 47, jan/abr 2020, p. 123-146.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS de Porto Alegre, 1954 - 1960. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 10 jun. de 2020.

DINES, Alberto. **Brasília, os anos dourados da imprensa.** Disponível em: <http://www.observatorioidaimprensa.com.br/oitv/brasilia-os-anos-dourados-da-imprensa/>. Acessado em: 12 jun. 2020.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil.** São Paulo: Edusp, 2011.

FRAGA, Gerson Wasen. **Branco e vermelho:** a Guerra Civil Espanhola através das páginas do *Correio do Povo* (1936-1939). Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação de mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

JORNAL DO BRASIL, 1956 – 1960. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 10 jun. de 2020.

JORNAL DO BRASIL, 1891-1893. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-brasil>. Acessado em: 17 maio 2020

LACERDA, Carlos. Carlos Lacerda. Depoimento; prefácio de Ruy Mesquita; organização de textos, notas e seleção de documentos de Cláudio de Paiva. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

Luft, M. V. (2011). A defesa da posse de Juscelino Kubitschek nas páginas do Diário de Notícias. **Revista Thema, 8(1)**. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/55>. Acesso em: 14 jan. 2022

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50**, 2000. Tese (doutorado em comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/10420/1/498965.pdf>. Acessado em: 14 jan. 2022

RIBEIRO, José Augusto. **Tancredo Neves: a noite do destino**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015

SANTOS, Rodolpho. **Uma missiva contra o peronismo tupiniquim** - Carlos Lacerda, Tribuna da Imprensa e a carta Brandi (1955). Antíteses. v. 10, n. 19, jan./jun. 2017, p. 137-164.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo**. São Paulo: Paz e terra, 1982.

PENA, F. (2010). **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto.

PLANO DE METAS do Presidente Juscelino Kubitschek. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5291773/mod_resource/content/1/Plano%20de%20Metas.pdf. Acessado em 14 jan. 2022